

O discurso do *El País* e a produção de sentidos durante o projeto Redenção na Cracolândia em 2017¹

SANTOS, Fabiane Almeida²

VILLELA, Cícero Costa³

Universidade Federal de Juiz de Fora, MG

RESUMO

O presente artigo pretende analisar discursivamente os sentidos produzidos sobre a Cracolândia, em São Paulo, no jornal *El País* no primeiro semestre de 2017, durante a operação Redenção do prefeito João Dória. A análise se dará sob a metodologia Pechêux-Orlandi, que considera a relação entre linguagem, história e ideologia na concepção do imaginário urbano.

PALAVRAS-CHAVE: análise do discurso; Cracolândia; *El País*;

1.1 A Cracolândia e seus conflitos

A primeira apreensão de crack na região de Santa Ifigênia na capital de São Paulo aconteceu em 1990. A região de livre consumo da droga seria visto como problema público em 1995, quando o jornal *O Estado de S. Paulo* usou o termo “cracolândia” pela primeira vez e se referiu ao lugar, em 1996, como uma “ferida que não cicatriza”. Em 2005, as fronteiras da cracolândia⁴ atravessaram a Av. Duque de Caxias e o chamado “fluxo” - quando ocorre concentração de pessoas para o consumo - se abrigou nos domínios do bairro Campos Elíseos.

Desde o governo de 1998, a Cracolândia passa por operações comandadas pela prefeitura que tentam pôr fim ao “fluxo” em vão. Durante os governos de Marta Suplicy (PT), José Serra (PSDB), Gilberto Kassab (PSD) até Fernando Haddad (PT), foram várias operações de ação policial, demolição de imóveis ocupados por traficantes e dependentes, internações voluntárias, programas de redução de danos e dispersão de usuários, que sempre encontravam um novo espaço para se realocarem.

Em 21 de maio de 2017, o prefeito João Dória (PSDB) fez sua primeira intervenção na Cracolândia, fruto do projeto Redenção. 900 policiais civis e militares

¹ Trabalho apresentado na IJ01 – Jornalismo do XXIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 7 a 9 de junho de 2018

² Estudante de Jornalismo pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)

³ Orientador. Mestre em Análise do Discurso, Professor de Jornalismo na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)

⁴ Estamos cientes da implicação discursiva ideológica em utilizar o termo “cracolândia”, no entanto, optamos por manter este termo popularmente conhecido para facilitar a identificação do espaço.

foram levados às ruas para a prisão de traficantes e dispersão de dependentes químicos. A operação foi comparada a operações polêmicas de governos anteriores, com uso de balas de borracha e bombas de efeito moral. Também foram demolidos imóveis que, de acordo com a prefeitura, seria ponto de consumo da droga. O programa Redenção, segundo a prefeitura, tem ainda como intuito reduzir danos através da internação voluntária de usuários. A internação compulsória foi recusada pelo Tribunal de Justiça em 28 de maio do mesmo ano.

A operação teve o apoio popular dos moradores de São Paulo, segundo pesquisa do DataFolha divulgada em 5 de junho de 2017. 55% dos cidadãos foram à favor da demolição de imóveis utilizados como pensões e hotéis, com o objetivo de combater o crack na região. E 59% se declararam a favor à forma como foram executadas as ações policiais no local.

Considerando o histórico da nomeada Cracolândia e desde já aplicando os conceitos da Análise do Discurso, essa região se constitui em um espaço público e urbano e, conseqüentemente, de produções discursivas onde circulam relações de poder. Alguns sujeitos produtores e difusores de sentidos são os jornais, constituídos por vezes tidas como autoridades que fazem a mediação entre a interpretação dos fatos e o público. Desta forma, eles contribuem diariamente para a formação e manutenção da opinião-pública através dos seus discursos.

Propomos, portanto, compreender como a filial brasileira do jornal El País - um jornal de relevância internacional, mas de versão brasileira ainda recente - produziu ideologicamente sentidos acerca dos moradores da região conhecida como Cracolândia e dos acontecimentos decorrentes das operações comandados pelo Governo Dória no primeiro semestre de 2017. Para construir nossa hipótese foi necessário considerar algumas características deste jornal.

Pertencente ao Grupo PRISMA, o jornal El País foi fundado em 4 de maio de 1976 na Espanha, no período de fim do regime franquista. Desde então ele se classifica como defensor da democracia pluralista e já declarou abertamente apoio político ao socialista Felipe González (PSOE) nas eleições presidenciais de 1982.

Em setembro de 2017, segundo a ComScore, a versão espanhola do jornal na web contabilizava 100 milhões de leitores mensais, sendo considerada um dos dez jornais mais lidos do mundo. Já a versão brasileira, criada em 26 de novembro de 2013, chegou

a 6,5 milhões de leitores mensais na mesma data - um crescimento de 72% em relação ao ano anterior.

Levando em conta essas características, nossa hipótese é de que o posicionamento discursivo do jornal divirja com o apoio popular, não apresentando sinais de depreciação ou desmoralização dos habitantes da Cracolândia e que a relação entre a comunidade e os policiais atuantes na operação seja apresentada de forma conflituosa e à favor desta comunidade.

Antes de iniciar a análise é preciso compreender alguns conceitos que EniOrlandi explica em *Análise do Discurso* (1999) e *Cidade dos Sentidos* (2004). Sua metodologia é inspirada nos preceitos do francês Michel Pêcheux.

2.1 Metodologia e conceitos

Segundo a Análise do Discurso, consideramos a linguagem como a mediação entre o homem e a história. É através da língua que o indivíduo interpreta o mundo e produz sentidos sobre ele através dos discursos. São esses discursos que irão construir a noção de realidade, assim como irão manter ou transformar a relação simbólica entre os indivíduos na comunidade e entre os indivíduos e o espaço urbano (ORLANDI, 2004).

Em um jornal, os textos jornalísticos são a materialidade dos discursos, enquanto o autor é a materialidade do sujeito que produz esses discursos. Segundo Orlandi, o sujeito é a parte real do indivíduo, aquela que não é possível controlar, mas que se torna visível na análise discursiva. Ele é regido pelo interdiscurso, que se relaciona com seu inconsciente e sua ideologia – esta que não se refere à visão de mundo ou ao ocultamento da realidade, mas sim está ligada à interpretação, que faz a relação da história com a língua (ORLANDI, 1999).

Desta forma, ao interpretar os fatos e produzir discursos, o sujeito o faz a partir de suas experiências de mundo, suas interpretações simbólicas e seu repertório de sentidos constituídos e disseminados por outros sujeitos, sentidos esses que arquiva e adere inconscientemente.

Partindo da afirmação de que a ideologia e o inconsciente são estruturas-funcionamentos, M. Pêcheux diz que sua característica comum é a de dissimular sua existência no interior de seu próprio funcionamento, produzindo um tecido de evidências “subjetivas”, entendo-se “subjetivas” não como “que afetam o sujeito” mas, mais fortemente, como “nas quais se constitui o sujeito” (ORLANDI 1999).

Os sujeitos, porém, não são completos, estando sempre em transformação de acordo com as novas experiências que sofrem. Desta forma, e considerando a infinidade de sujeitos produtores de discursos no mundo, os sentidos também estão em transformação, nunca chegando a uma definição-final.

A condição da linguagem é essa incompletude, a falta, o equívoco, permitindo também a possibilidade de se fazer novos sentidos e que cada interlocutor reaja a eles de formas distintas (ORLANDI, 1999). E é por conta desse equívoco que não é possível os sentidos se referirem fielmente à realidade, mas a uma imagem que se tem dela. É o que acontece com as cidades.

Quando se trata das cidades, os sentidos produzidos se referem na verdade ao espaço urbano, ou seja, o imaginário se sobrepõe ao real silenciando-o. Desta forma, os sentidos da cidade são generalizados e se tornam homogêneos, não abrangendo toda a complexidade, sobretudo social, que constitui aquele espaço discursivo. Tem-se aí um equívoco proposto especialmente pelas autoridades, como são também os jornalistas e suas fontes de relevância pública, visto que o discurso é além de tudo a base da política.

O discurso do urbano, para nós, é o discurso constituído a partir da sobreposição do conhecimento urbano sobre a própria realidade da cidade. Nessa indistinção, aquilo que seria a realidade urbana é substituída pelas categorias o saber urbano, seja em sua forma erudita (discurso do urbanista), seja no modo do senso comum em que esse discurso é incorporado pela política, pelo administrador, pela “comunidade”, convertendo sentidos no imaginário urbano (ORLANDI, 2004).

Segundo Orlandi, a linguagem acontece em tensão entre processos parafrásticos e polissêmicos, entre o mesmo e o diferente. A paráfrase corresponde à reformulação de sentidos já existentes, a volta ao mesmo espaço do dizer, produzindo variedades do mesmo e consolidando esses sentidos. “Ao passo que na polissemia, o que temos é o processo de deslocamento, ruptura de processos de significação” (ORLANDI, 1999). É através da polissemia que podemos criar novos e múltiplos sentidos para os mesmos objetos, usando do equívoco para chegar mais próximo ao real. Mas para haver criatividade é preciso que o discurso “ponha em conflito o já produzido”.

Não há, porém, sentido sem metáfora, pois as palavras não têm sentidos próprios, literais, mas depende de outras e do contexto histórico e ideológico em que se inserem para se significar. E aqui não nos referimos à metáfora como figura de linguagem, mas ao deslocamento, tomada de uma palavra por outra, que permite às palavras incorporarem significados, sentidos. Ou seja, as palavras significam exclusivamente em

função de outras, suas substituições, paráfrases e sinônimos dentro de formações discursivas (ORLANDI, 1999) .

Sobre as formações discursivas é importante ressaltar que são a representação das posições ideológicas do sujeito, que não estão na essência das palavras, mas na escolha e união delas no discurso. Um discurso, no entanto, é heterogêneo, podendo possuir várias formações discursivas, mas terá a aparência de uma unidade, pois será observada ali uma dominante (ORLANDI, 1999).

2.2 Por que então analisar os sentidos sobre a Cracolândia?

Interpretando os conceitos de Orlandi, acreditamos que a capacidade do discurso urbano de formar imagens a respeito dos habitantes das cidades muitas vezes não corresponde aos símbolos reais sobre aquelas pessoas. Desta forma, à respeito da Cracolândia, em se tratando de um espaço urbano, espera-se que o mesmo ocorra, tendo o senso-comum uma imagem distorcida daquela comunidade, que silenciam os sentidos reais acerca daquele espaço, em um confronto simbólico com o político.

É esperado da análise discursiva do jornal El País, portanto, que encontremos uma quebra dessa homogeneidade de sentidos.

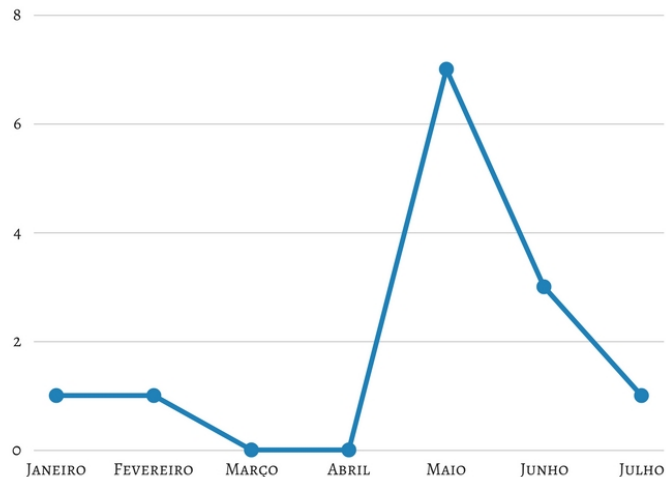
Para realizar a análise, fizemos um levantamento das matérias publicadas no website do jornal El País no ano de 2017, pesquisando pela *tag* “cracolândia”, termo objetivo que leva diretamente ao objeto de análise buscado. Até a conclusão deste artigo foram registradas 13 publicações entre o período de 19/01/2017 e 24/07/2017, como mostra o Gráfico 1 (abaixo).

Para selecionar o material de análise, desconsideramos a editoria Opinião, em que o jornal se eximia da responsabilidade pelo texto publicado, além das duas matérias anteriores à data de 21 de maio de 2017, quando teve início a operação do prefeito João Dória na Cracolândia. Restaram então 10 publicações - entre elas notícias e reportagens - para seleção via leitura, onde foram separadas 4 publicações que melhores se adequam à sujeição à análise discursiva. Todas as publicações, com exceção da correspondente à editoria Opinião, pertenciam à editora Brasil.

Gráfico 1

A CRACOLÂNDIA NO EL PAÍS

PUBLICAÇÕES NO WEBSITE 2017



3.1 A análise

Ao falar sobre a Cracolândia, é impossível passar despercebido que o próprio termo “cracolândia” já significa e não é uma exclusividade do jornal El País, mas está difundido na sociedade e é disseminado pela mídia em geral. Automaticamente o termo é limitante. A partir desta nomeação espera-se que a “terra do crack” seja exclusivamente um espaço ocupado por indivíduos associados à droga, desvalorizando tanto a região quanto os habitantes, os desmoralizando e segregando. Um ambiente à parte do restante da cidade de São Paulo.

Na primeira matéria para análise, que registra o primeiro dia do projeto Redenção - 21 de maio de 2017 -, o jornal El País já constrói sentidos que divergem com esse imaginário.

Brasil - 24/05/2017 - Gestão Doria inicia demolição de prédio na cracolândia com moradores dentro

1A. Desde a operação – classificada como um sucesso pelo prefeito, que chegou a declarar ter acabado de vez com a cracolândia – outros edifícios da Dino Bueno e da rua Helvétia tiveram suas entradas emparedadas ou lacradas. Comerciantes que trabalham no local tiveram que retirar seus pertences às pressas nesta terça.

1B. Nos fundos do edifício que começou a ser demolido funciona uma pensão onde vivem, segundo contam seus vizinhos, umas 20 famílias. [...] "Aqui só tem família. Sou trabalhador, vendo água e quentinha na rua e pago 600 reais por mês de aluguel. Não tem viciado aqui não".

1C. "Depois de domingo, os policiais não deixam mais ninguém ficar na rua parado. Estávamos ontem aqui na entrada quando um deles mandou a gente entrar, ameaçando arrebentar a nossa cara", conta a menina, que está grávida de poucos meses. Seu marido acrescenta: "Para nós é mais perigoso agora do que quando estava a cracolândia. Porque aqui sempre houve respeito".

1D. Outros comerciantes e moradores se queixavam do mesmo e diziam estar sendo tratados como "lixo". [...] "Eles acham que aqui só tem usuário de drogas", lamenta Ângela.

1E. Por volta das 17h, agentes da Polícia Militar e do Choque começaram a cercar a área para, segundo asseguraram, buscar armas. [...] O major Miguel Daffara, que comandava a operação, avisou que iam revistar os dependentes químicos e seus pertences, mas garantiu que queria evitar o confronto e que eles poderiam continuar no local. Entraram na praça revistando tudo o que encontravam no terreno. Enquanto avançavam, a multidão ia se deslocando. Até que começou a correria pelas ruas dos arredores, onde sempre funcionou a cracolândia.

1F. "É com amor que tem que cuidar dessas pessoas. A gente não é bicho, não", protestava um homem que levava um galão de água e umas canecas para os dependentes químicos.

1G. Contudo, uma mulher dependente química que corria pela praça avisou gritando: "A cracolândia não acaba nunca".

Nos trechos 1A e 1B, a abordagem de famílias e trabalhadores, que habitavam os prédios demolidos, já contraria o imaginário da "terra do crack". A fala do morador em 1B não apenas reforça esse dado, como busca a valorização da própria pessoa ao afirmar seu comércio e o cumprimento de suas responsabilidades com o aluguel que garantia seu direito à moradia agora demolida. Em "Aqui só tem família" e "Não tem viciado aqui não" o morador explicita sua revolta e incompreensão por ser atingido pela operação. Os trechos recuperam e negam a imagem limitante que o senso comum faz do ambiente, de que ali moram apenas dependentes químicos.

Em 1C, na fala da moradora temos os primeiros traços de repressão, em "não deixam mais ninguém ficar na rua parado", e de violência por parte policiais da operação contra os habitantes da cracolândia, quando a mesma diz que um deles "mandou a gente entrar, ameaçando quebrar a nossa cara". Na fala do esposo, tem os sinais de medo e insatisfação com a presença dos policiais. A preferência pela "quando estava a cracolândia" e a indicação de que "aqui sempre houve respeito" criam o sentido de que a relação entre moradores e as pessoas ligadas ao crack consistia em contínuo respeito, segurança e ausência de conflito entre ambos.

O trecho de 1D expressa o conhecimento da moradora sobre a imagem que o senso comum tem de quem vive na região da cracolândia, a crença da homogeneidade de que viviam ali apenas "usuário de drogas" e a consequência dos habitantes serem "tratados como 'lixo'". O termo "lixo" não apenas verticaliza as relações de poder, colocando os habitantes da cracolândia bem abaixo na pirâmide social, como também os associa a algo sujo e indigno, a sujeira de São Paulo.

Em 1E, a operação policial de "cercar a área" e "buscar por armas" entre os dependentes químicos e seus pertences reafirma o sentido disseminado no senso comum

de que a cracolândia é um espaço de violência. A informação dada pelo Major coloca a intenção de “evitar confronto” e não dispersar os dependentes, mas a intenção é contrariada pela reação dos dependentes de deslocar e correr com o avanço dos policiais. Essa reação reflete um sentimento de medo das autoridades com a memória de conflitos anteriores, como também a possibilidade de ter acontecido algo que a reportagem não registrou.

Em 1F, o entrevistado traz como contra-argumento a necessidade de respeito e afeto no tratamento dos dependentes químicos, considerados vulneráveis. Em se tratando de um não-dependente que está ali para ajudar, o trecho “A gente não é bicho não” traz o sentido de identificação entre ele e os dependentes, provocando a horizontalização das relações sociais. O termo “a gente” os iguala, recuperando a posição de cidadão dos dependentes.

Por fim, e recuperando a primeira parte de 1A, onde o prefeito Doria encerra em seu discurso a existência da cracolândia, a fala da dependente química em 1G contraria esse discurso ao dizer que “a cracolândia não acaba nunca”. Mais do que isso, essa fala em 1G reforça o sentido de resistência daquele espaço na sua potencialidade de deslocamento e reunião apesar das dispersões, recuperando a memórias dos 20 anos de tentativas falhas da prefeitura em extinguir o local.

Na próxima matéria, são expressos novos sentidos sobre as operações policiais e os dependentes químicos.

Brasil - 27/05/2017 – ‘Com ações apressadas e improvisadas, cracolândia torna-se a primeira pedra no sapato de Doria’

2A. Ele também acusou a prefeitura de querer, com sua petição judicial, levar a cabo uma “caçada humana” por São Paulo sem precedentes no resto do mundo.

2B. “Foi um tiro no pé. Agora alguns usuários já não querem entrar nas vans e ir para albergues porque acham que vão ser internados compulsoriamente. Uma medida que considera internações em massa é de fato higienista”.

2C. Entretanto, Sandi é uma das especialistas que defendem a realização da operação policial do último domingo sob o argumento de que “algo tinha de ser feito” para estancar uma violência que, para ela, “aumentou muito nos últimos tempos”. “Não que antes fosse ok. Mas funcionários começaram a ser roubados e ameaçados. Já vi mulheres transsexuais apanhando muito. E tem muita criança lá”, conta ela. “Óbvio que não sou a favor da polícia entrar apavorando, mas estava tudo muito errado antes também. Mas só agora virou um problema de direitos humanos. Havia 150 crianças vivendo naquela região expostas aquilo e não tinha ninguém falando de direitos humanos antes”.

Ao trazer à tona o termo “caçada humana” em 2A, a formação discursiva cria um sentido negativo com relação à operação Redenção, colocando os dependentes químicos em posição de presas – comparando-os a animais sujeitos ao abate –, enquanto os

policiais são os predadores, agressores. O complemento “sem precedentes no resto do mundo” reforça o sentido de imoralidade da operação, que nunca teria acontecido e nem seria aceito em outros lugares senão São Paulo.

Em 2B é colocado o insucesso da operação, classificando como “um tiro no pé”, e ressaltando a desconfiança e medo dos dependentes em serem internados compulsoriamente. A fonte ainda chama a atenção para a imoralidade das internações compulsórias - proposto pela prefeitura de São Paulo, mas negado pelo Tribunal de Justiça como dito anteriormente -, considerada uma medida higienista. O higienismo carrega historicamente o sentido de descartar aquilo que é sujo, que é um risco de doença para o espaço público e que não se enquadra na ordem social, do que é estimado para uma cidade de importância como São Paulo. No caso, os dependentes químicos.

Em 2C temos o retorno do sentido da violência na Cracolândia por parte das pessoas ligadas à droga, colocada como crescente, e o sentido de que a operação policial seria a única solução para o problema. São nomeadas as vítimas e os crimes: funcionários assaltados e ameaçados, mulheres transexuais agredidas e a presença de crianças em um ambiente indevido a elas. Diante dessas questões a fonte argumenta em seu discurso que apesar da operação policial ser abusiva, ela é justificada, pois “estava tudo muito errado antes também”. Ao dizer em tom de indignação que “só agora virou um problema de direitos humanos” apesar das 150 crianças que viviam ali, cria-se mais uma vez um sentido de verticalização das relações sociais e agora também uma hierarquia no merecimento dos direitos humanos. Não só pelas crianças serem mais vulneráveis e, portanto, necessitadas - ou dignas - de maior atenção do poder público e da sociedade, mas também pelas pessoas ligadas ao crack serem significadas como criminosas.

A terceira matéria parte de desmentir a informação de que Andreas Richthofen - irmão de Suzana Richthofen que foi condenada pelo assassinato dos pais em 2002 - estaria vivendo na Cracolândia. Nessa reportagem temos sobretudo a caracterização dos dependentes químicos e a narração do que os leva à Cracolândia e ao vício pelo crack.

Brasil - 31/05/2017 - A droga para aplacar a dor

3A. Curiosamente, o caso de Andreas despertou solidariedade em vez do repúdio que parte da população de São Paulo sente pelos usuários de crack. Seu caso evidencia o óbvio: por trás de cada um dos dependentes químicos, dispersados pela cidade após a operação policial do dia 21 de maio, existe uma história pessoal de perda, dor ou sofrimento desconhecidos.

3B. Roupas rasgadas e higiene precária, olhos vidrados, conforme o boletim médico, segundo o portal G1. Era fácil relacioná-lo com a população que vive no centro de São Paulo, que voltou aos holofotes nas últimas duas semanas.

3C. Claudinei da Silva, de 37 anos, começou a usar drogas depois que sua esposa o deixou e desapareceu com a filha. Ficou deprimido e começou a tomar cerveja. Logo passou para a maconha. E depois para a cocaína. Até que colocaram um cachimbo de crack em sua boca.

3D. Quem vai para a cracolândia geralmente tem poucos recursos financeiros. “A pobreza está relacionada, é um dos grandes fatores para que alguém acabe aqui”, diz a assistente social. Para ela, a empatia com a dor dos usuários é fundamental para ajudá-los na cura. “A gente não tem muito a oferecer não. Mas o toque, o abraço, o calor humano é muito importante para eles”

Em 3A o discurso do jornal traz o repúdio da população paulista pelos dependentes químicos que vivem na cracolândia, e destaca - fazendo um juízo moral dos paulistas - que esse repúdio não existiria se se tratasse de uma figura midiaticizada como Andreas Richthofen. Aproveitando da sensibilidade manifestada pelo caso de Andreas, o jornal faz uma relação de identificação do jovem com os dependentes da Cracolândia, que também teriam “obviamente” “uma história pessoal de perda, dor ou sofrimento desconhecidos”. Essa formação discursiva devolve aos dependentes o sentimento de humanidade não enxergado pelos paulistas, além de justificar o vício.

Em 3B, o trecho “roupas rasgadas e higiene precária, olhos vidrados” descreve as características que levariam a um pré-julgamento que facilmente relacionaria alguém ao vício do crack. Tem-se aí o estereótipo que é repulsivo à população de São Paulo e que é relacionado direto à população da Cracolândia, mesmo se o indivíduo não se encontrar lá, como foi o caso de Andreas.

Em 3C é narrado o histórico introduzido em 3A, a trajetória de um dependente químico até o vício no crack - de um problema familiar que leva a um sofrimento mental e à iniciação às drogas lícitas e ilícitas, aumentando o grau de dependência até chegar ao crack. O trecho “Até que colocaram um cachimbo de crack em sua boca” produz um sentido de passividade e vulnerabilidade do dependente químico. O consumo é dado como contrário à vontade ou consciência do indivíduo.

Em 3D, a fonte associa morar na cracolândia à pobreza, um reduto de pobres e, sobretudo, dependentes químicos. Estes últimos são ainda pessoas que sentem falta de afeto, “o toque, o abraço, o calor humano é muito importante para eles” em especial para a cura do vício, segundo a entrevistada.

A última matéria para análise é uma reportagem especial que faz um compilado de histórias que contam quem são os dependentes químicos da Cracolândia, como se viciaram em crack e como chegaram a morar na cracolândia.

Brasil - 25/0/2017 - ESTE É MEU NOME, MINHA CASA É A CRACOLÂNDIA E EIS OS MEUS MEDOS

4A.[Sonhador] Chegou a ficar preso durante sete anos, mas hoje, mesmo com as dificuldades de morar na rua, garante que não faz mal a ninguém.

4B. Ele quer recomeçar, quer uma nova oportunidade, mas tem medo. Sempre que pensa em pedir auxílio em uma escola para retomar seus estudos, acha que vai ser discriminado. "É muito difícil quando as pessoas me olham. Parece que estão vendo um monstro. Eu mesmo quando me olho no espelho me pergunto se estou mesmo vivo. Às vezes acho que Deus já tirou minha vida e eu ainda não percebi" explica, entre lágrimas.

4C. "As pessoas não arranjam emprego com esta aparência. Precisamos de ajuda para recomeçar".

A começar pelo título da reportagem, o trecho “este é meu nome” traz mais uma vez o sentido de cidadania aos dependentes químicos. Eles possuem um nome, uma identidade, um registro como qualquer pessoa “comum”. Enquanto “minha casa é a cracolândia”, traz um novo sentido para aquele espaço que em outras formações discursivas tiveram o sentido de um espaço de violência, de sujeira, de pobreza, que contamina o centro de São Paulo em termos de saúde e visualmente. Nessa formação discursiva a cracolândia é o lar, o abrigo de pessoas que se identificam com o local e se sentem protegidas por ele.

No trecho de 4A, ao dizer que o dependente químico “Chegou a ficar preso durante sete anos, mas hoje, mesmo com as dificuldades de morar na rua, garante que não faz mal a ninguém”, existem dois sentidos: o de que ‘uma vez criminoso, sempre criminoso’ e o de que ‘quem mora na rua tende à criminalidade e violência’. A formação discursiva busca quebrar a ambos os sentidos, garantindo que Sonhador - o dependente químico a que o trecho se refere -, apesar de ter sido preso e viver nas ruas, ‘não faz mal a ninguém’. A necessidade de ‘garantir’ também é um termo utilizado quando se busca pela confiança de outrem, no caso, tanto da reportagem como da população de São Paulo.

Já os trechos de 4B e 4D se complementam. Eles destacam o conhecimento dos dependentes químicos em relação à imagem que outras pessoas formam deles, ambas com relação a aparência - uma aparência de “monstro” segundo o trecho em 4B, alguém que não parece vivo. Nos dois trechos destaca-se ainda o medo de ser discriminado e a falta de oportunidades de emprego, auxílio e estudo, para pessoas viciadas em crack.

Considerações finais:

Mediante a análise, foi possível encontrar vários sentidos acerca da região conhecida como Cracolândia. Interpretando os discursos, a cracolândia não é “terra do crack”, mas a moradia de trabalhadores, pessoas de baixa renda e o abrigo de dependentes químicos. Foram encontradas formações discursivas que desvalorizavam, mas principalmente que humanizavam os dependentes e os colocavam como cidadãos.

Em menor escala está o sentido da cracolândia como um ambiente sobretudo de consumo da droga e violência. Destaca-se, porém, os sentidos de abuso dos policiais, “caçada humana” e “medida higienista” ao se referir à violência da operação Redenção, que desperta medo e desconfiança.

Através da heterogeneidade do discurso do jornal El País, há a oportunidade de mostrar um espaço que não é homogêneo como se acredita no imaginário urbano. Como consequência, foram observadas nas reportagens a predominância de formações discursivas que buscam apoiar a comunidade no que se refere à demolição dos prédios e aos conflitos com a polícia - o contrário do que ocorreu com a população paulista em pesquisa ao DataFolha.

Enquanto o discurso urbano - difundido no senso comum - sobre a cracolândia verticaliza as relações sociais, separando a população em aliado e inimigo, impedindo a convivência e segregando minorias, é importante entendermos como esses sentidos são discursivamente construídos. E é também papel da mídia, como administradora desses sentidos e espaço de expressão, buscar desconstruir o discurso urbano que torna homogêneos o social e a cidade quando eles não o são.

Referências:

A nova intervenção na cracolândia: origens e precedentes de um problema crônico. Jornal Nexo. 23/05/2017

São Paulo luta há 20 anos contra a cracolândia, sem vencer; por quê? Uol Notícias. 05/06/2017

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso. Princípios e Procedimentos.** Campinas - SP. Editora Pontes 1999.

ORLANDI, Eni P. **Cidade dos Sentidos.** Campinas - SP. Editora Pontes 2004.

VILLELA, Cícero Costa. **Mídia, Territorialização e Subjetivações: Uma cartografia discursiva sobre as favelas.** PPGCOM - UFJF 2015.